



DE SAÍDA Azeredo Lopes explica por que a ERC necessitou de uma estratégia de «confronto inicial»: Por uma questão de «sobrevivência»

José Azeredo Lopes

Presidente da Entidade Reguladora da Comunicação Social

'A RTP é mais plural e diversa do que a SIC e a TVI'

Para o jurista, as televisões estão reféns do mercado publicitário e a Wikileaks faz «dançar os órgãos de comunicação social»

POR PAULO CHITAS

Pontualmente, numa manhã fria de dezembro, Azeredo Lopes esperava os jornalistas da VISÃO às 9 horas da manhã, no hall do Hotel Tivoli Lisboa, na Avenida da Liberdade, onde, por sugestão sua, decorreria a entrevista. Antes de ligarmos o gravador, o presidente da Entidade Reguladora da Comunicação Social falou do futuro da imprensa e da sua dificuldade de sobreviver. «Os jornais são essenciais à democracia», defendeu, sublinhando que nenhum outro meio de comunicação os substitui. A um mês de completar o mandato de cinco anos não renovável de presidente da ERC, Azeredo Lopes, 48 anos, jurista e professor universitário, especializado em questões de Direito In-

ternacional, assegura que não gostaria de regressar às atuais funções.

Haverá alguma vez condições para o lançamento de um quinto canal, em Portugal?

Sou um convicto adepto do mercado e este deve estar aberto. Mas há dois anos, quando chegámos à fase de concurso, estávamos em plena crise. Contudo, nenhuma das candidaturas foi excluída por causa da crise. Uma delas, no entender do conselho de curadores, não preenchia minimamente os requisitos, em termos de recursos humanos – propunha apenas seis jornalistas alocados aos noticiários, o que não parecia suficiente. A outra proposta padecia de sintomas opostos – previa-se uma estrutura com várias centenas

de pessoas e chegámos à conclusão de que não tinha viabilidade económica.

Há condições, no mercado português, para a existência de um quinto canal?

Sempre defendi que o mercado da comunicação social deve, em princípio, ser aberto. Sem a regra de que novos operadores podem entrar, teríamos uma situação insustentável, mesmo do ponto de vista da liberdade de imprensa. Apesar de sermos um mercado muito pequeno...

... mas com um extraordinário número de canais de televisão nacionais...

O número de canais temáticos de informação parece uma idiossincrasia portuguesa. Já o mesmo acontece em relação aos jornais desportivos, com três jornais diários consolidados. Não conheço país europeu onde isso aconteça.

⚡ Tenho hoje grandes dúvidas sobre a liberdade das televisões em relação ao mercado publicitário'

Há publicidade suficiente para aguentar outro projeto generalista?

A televisão não é uma relação direta entre quem a produz e o cidadão. Na verdade é uma *ménage à trois* ou a mais. O modelo de negócio depende da relação com o mercado publicitário.

As televisões podem então ficar reféns do mercado publicitário?

Tenho hoje grandes dúvidas sobre a liberdade das televisões em relação ao mercado publicitário. É por isso que, numa situação de monopólio, até se pode promover mais diversidade.

Os relatórios da ERC mostram isso?

Mostram que os quatro canais generalistas têm as mesmas temáticas dominantes: economia, política, sociedade (crime) e desporto (futebol). Também se verifica uma grande similitude de agendas.

Ou seja, não há serviço público de televisão.

Não, não. Podemos estar aqui os dois a comer carne, você a comer *filet mignon* e eu a comer bifanas.

E o serviço público da televisão, em Portugal, é *filet mignon* ou bifanas?

Tem de ser um pouco dos dois. Acho-o razoável.

Que nota lhe atribuiria, de 0 a 20?

Algures entre o 13 e o 14.

Defende-se a existência de canais públicos de televisão por causa do serviço público. A programação dos canais privados não cumpre esse serviço?

Nos canais públicos há maior diversidade e pluralidade.

A RTP é mais plural do que a SIC e a TVI?

Indiscutivelmente. O conjunto dos géneros jornalísticos só está representado, nomeadamente em horário nobre, na RTP. Além disso, o serviço público representa um valor de referência, um valor-padrão.

O Estado português condiciona, através da alocação de publicidade, a orientação dos órgãos de comunicação social?

Admito que possa ter condicionado. Mas, com base nos dados dos nossos estudos, é impossível demonstrá-lo. A verdade é que os valores de tabela da publicidade são ridículos – apesar disso, se fossem efetivamente cobrados teríamos uma comuni-

Se as sociedades democráticas aceitam o princípio do segredo de Estado, vejo com dificuldade que quem o quebra seja considerado um herói'

cação social riquíssima. Mas os descontos podem atingir 95% e, em certos distritos, a televisão já pode fazer concorrência a um jornal regional e até local, produzindo *spots* mais baratos.

Como é que chegou à ideia de que há em Portugal uma «aceitação generalizada da regulação», face às críticas constantes de que a ERC é alvo por parte de órgãos de comunicação social e de jornalistas?

Chego a essa convicção porque Portugal não deve ser uma extravagância no plano europeu. Não há nenhum país europeu sem estruturas de regulação. Tenho bem presente que foi necessária uma fase de afirmação da ERC – a que já chamei guerra civil –, durante a qual sobrevivia ou morria. Uma espécie de prova iniciática.

Acho piada ao facto de colocar a questão em termos de sobrevivência. Há muitas outras entidades reguladoras, em Portugal, às quais não ouvimos nenhuma referência à própria «sobrevivência».

Mas essas não regulam o espaço público. Neste mercado é o regulado – que pode, eventualmente, ser destinatário de uma decisão desfavorável – quem determina o controlo do espaço público. Esse é o fator crítico.

O regulado não controla, intervém...

Não, controla. Desculpe, mas controla o espaço público. De quem é o espaço público? É dos regulados, não é meu! Há a tendência para o regulador dos media ser capturado pelo poder político ou pelos regulados.

Quem foi capturado por quem?

Que eu saiba, ninguém foi capturado. Desculpe-me a presunção, mas não sou muito facilmente capturável. Quantas vezes ouvi que para termos boa imprensa é preciso mantermos a bitola baixa, sermos discretos, passarmos estes cin-

co anos tranquilamente... A não ser que quiséssemos que a instituição fosse uma espécie de estância de férias, havia, necessariamente, um elemento de confronto inicial.

Não existem instrumentos que deem resposta aos cidadãos? Não podem as pessoas escrever aos jornais, exercer o direito de resposta, recorrer à Comissão da Carteira Profissional de Jornalista? É preciso a ERC atuar a esse nível?

Se não fosse, como explicava as mais de 8 mil entradas do ano passado?

Mas não existem instrumentos de defesa suficientes na sociedade portuguesa?

Acho que não. A liberdade de imprensa só faz sentido enquanto houver cidadãos e enquanto estiver associada à liberdade de expressão. É um direito fundamental, constitucionalmente garantido, mas indissociável quer do cidadão quer da liberdade de expressão. Quanto à ideia de que o cidadão já tem muito onde se queixar, eu não concordo. Queixa-se a quem? Envia cartas ao jornal que nunca são publicadas? Tenta exercer o direito de resposta que, quando iniciámos funções, era generalizadamente incumprido e ridicularizado? Deparei-me com o cenário inacreditável de os jornais sistematicamente recusarem o direito de resposta, por considerarem que era uma forma de confisco e de ataque à sua integridade.

O conselheiro Gonçalves da Silva, quando abandonou as suas funções, disse que «a ERC foi e é, em muitas situações, um obstáculo à liberdade de imprensa». Como comenta?

Não sei o que ele tinha em mente. Nem sequer me pronuncio sobre declarações desse senhor, quanto mais fazer interpretações do seu pensamento.

Como vê o caso da Wikileaks?

Não vejo de todo as maravilhas da liberdade de expressão que algumas pessoas, excitadíssimas, lhe atribuem. Se as sociedades democráticas aceitam o princípio do segredo de Estado, vejo com dificuldade que quem o quebra seja considerado um herói. Considerar que a Wikileaks é um motor do jornalismo parece-me uma grande tolice, quando são as fontes que determinam as notícias e fazem dançar os órgãos de comunicação social. ▣